

ELEIÇÕES DE 2018 E A (DES)CENTRALIZAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO POLÍTICO FEMININO NO FACEBOOK

Ana Beatriz S. Brandão de Souza¹

À luz da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, objetivo problematizar discursos estabilizados postados por internautas na foto de perfil de Manuela d'Ávila, do PCdoB (Partido Comunista do Brasil), em sua página oficial no Facebook. Para tanto, levo em consideração o lugar ocupado por ela desde que se candidatou, nas eleições de 2018, à vice-presidência do Brasil: sujeito político feminino e produtora de sentidos caracterizados como dispersos no atual cenário brasileiro (mulher, mãe, feminista, católica, pró-aborto).

Embora a presença de mulheres em cargos públicos de alta representatividade reverbere resultados de empreendimentos da democracia e de conquistas dos movimentos feministas, tendo em vista o contexto de submissão histórica em que foram e/ou continuam inseridas, muitas questões ainda ecoam quando se trata de pensar como a disputa de sentidos produzida no âmbito das dizibilidades digitais tem afetado as relações sociais dentro e fora da rede. Ao salientar tal ponto, refiro-me ao papel fundamental proporcionado por esse ambiente ao possibilitar espaço de fala aos *sujeitos ordinários*, isto é, àqueles que “se constituem pela própria existência material de ambientes como o Twitter [...] cuja produção e circulação podem ser vistas” (SILVEIRA, 2015, p. 104) e têm relação singular com os sentidos promovidos pela mídia e pela política.

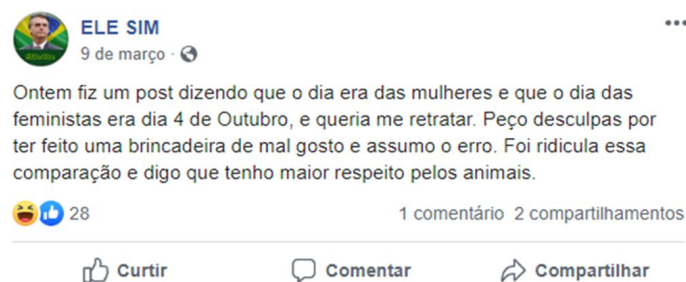
Nas eleições de 2010, após ter derrotado José Serra, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), Dilma Rousseff, do PT (Partido dos Trabalhadores), foi eleita a primeira presidenta na história do Brasil. A vitória foi o pontapé para que o movimento feminista ganhasse maior visibilidade nas mídias, já que a equidade profissional entre gêneros é uma de suas principais pautas. Todavia, os mesmos veículos também explicitaram teor contrário a quaisquer reivindicações propostas por esse coletivo de identificação. Se o pleito de 2010 reverberou na exposição e no debate acerca de assuntos que, além de velados, encontravam-se sem espaço de circulação, situo a campanha eleitoral de 2018 como contexto de maior efervescência, sobretudo em função dos atores políticos envolvidos nas legendas dos partidos e, por conseguinte, da repercussão obtida na defesa de suas pautas.

Os embates entre as chapas partidárias formadas por Fernando Haddad e Manuela d'Ávila x Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão esteve em processo de consolidação desde o primeiro turno das eleições (devido à tradicional oposição esquerda *versus* direita). Tais confrontos não somente foram iniciados pelos

¹ Graduanda do curso de Letras Português e Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a orientação da Profa. Dra. Elaine de Moraes Santos.

candidatos como também ganharam força, reprodução e maneiras de ressignificação por seus próprios eleitores. Houve, ainda, quem não se identificasse com nenhum dos concorrentes, resultando em um grande número de votos brancos e nulos – como foi o caso do segundo turno. Nas redes sociais, o pleito ficou marcado pela criação e pela circulação massiva das *hashtags* “#elenão” e “#elesim” – respectivamente veiculadas por sujeitos contrários ou por apoiadores à candidatura de Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal). Em muitos casos, chama a atenção como conteúdos veiculados por adeptos à “#elesim” é permeado por discursos de intolerância, como na Sequência Discursiva (SD) I:

SD I – Postagem da página “ELE SIM”



Disponível em: <https://www.facebook.com/elesimoficial/posts/2217442078519322>. Acesso em: 12 set. 2019.

Na SD I, retirada da página “ELE SIM” do Facebook, o produtor da postagem sugere, inicialmente, que as feministas não são mulheres e sim animais, mas logo se “retrata” para não soar como ofensa aos bichos. A materialidade da SD I é composta por elementos que me possibilitam acionar a noção de metáfora, definida por Pêcheux (2011, p. 192) como “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual que produz um deslizamento de sentido entre x e y”. Sabendo que o uso desse recurso é concebido como transferência, os elementos significantes estabelecem, aqui, relações de confronto acerca do olhar sobre as feministas. Encontro, então, formas distintas de inferiorização da mulher, seja por meio da exclusão de uma parcela desse grupo social em seu próprio interior (dia das mulheres x dia das feministas), seja na comparação com animais ou no emprego de “ser feminista” enquanto adjetivo pejorativo (fazer parte do movimento seria considerado, pelo internauta, pior do que ser comparada a um animal).

Vejo, ainda, que a tentativa de rompimento da segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas provoca desestabilização nos moldes criados por uma sociedade tradicional. Ao nascer, as mulheres já carregam consigo uma série de papéis predefinidos que, ao serem rompidos, resultam em confrontos opressores e responsáveis por tentar alocá-las a uma estrutura emancipatória falsa que blinda a autonomia ou quaisquer tentativas de fuga às normas, em prol da manutenção dos dispositivos de controle da ordem social.

Para a promoção de um gesto de *descrição-interpretação* (ORLANDI, 2015) do *corpus* selecionado, parto, primeiramente, do evento que motivou a produção dos comentários: a foto de perfil de Manuela d’Ávila, conforme SD II. Postada em 17 de dezembro de 2018, a publicação teve 19 mil reações, 981 comentários e 239 compartilhamentos.

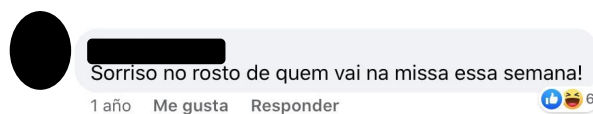
SD II – Foto de perfil da ex-candidata



Disponível em: shorturl.at/pxLX1. Acesso em: 14 set. 2019.

Dos 981 comentários relativos à SD II, selecionei quatro², representativos do que Silva (*et al*, 2011) designa por *discursos de ódio*, ou seja, cujo conteúdo é fundado na suposta superioridade de quem profere, tanto quanto na inferioridade de quem sofre a agressão. Cada vez mais impulsionado por sujeitos políticos extremistas, o conjunto dessas manifestações perpassa pelo mesmo nicho: a cultura da intolerância. Em função de sua adesão às causas defendidas pelo movimento feminista, preponderantemente no que diz respeito à discussão do aborto, é possível notar uma (des)caracterização do posicionamento religioso da ex-candidata, enquanto cristã-católica.

SD III – Comentário



Fonte: *print* realizado pela autora

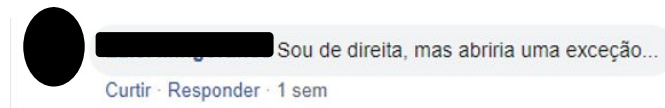
Na materialidade da SD III, no cruzamento entre a linguagem verbal e a visual, na reação de outros sujeitos com os *emojis* de riso, identifico a marcação de uma possível duplicidade na personalidade de Manuela d'Ávila. Tal engajamento refere-se à participação da ex-candidata em uma celebração eucarística, na qual ela compareceu durante o período da campanha de 2018. Embora eu consiga, pautada em Orlandi (2007, p. 118), afirmar que “a identidade, sempre em movimento, encontra suas formas de manifestação não importa em que situação particular de opressão”, ainda me deparo com a consolidação de discursos que, imbricados em preceitos cristãos, questionam a relação de Manuela com a igreja, principalmente por

² Organizadas, aqui, em três Sequências Discursivas: as SDs III, V e VI.

saberem que ela é favorável à disponibilização de políticas públicas de atendimento às mulheres que realizam o aborto. Apesar de os papéis ocupados pelos indivíduos em nossa sociedade autorizarem as transições com relação ao outro e ao mundo, percebo, portanto, que a constituição do sujeito Manuela d'Ávila é questionada pelos usuários da rede como dual justamente por ela não seguir o molde cristão bíblico.

Os ataques realizados pelos *sujeitos ordinários*, a respeito da ocupação da mulher em cargos públicos, ganham contornos distintos a depender do ângulo sobre o qual ela é avaliada. No caso de Manuela, as formas de *relativização* produzidas pelos *sujeitos ordinários* relacionam-se ao apagamento temporário de suas ideologias políticas em função do corpo. Isto é, há um processo de *relatividade*, que é posto por Pêcheux (2009, p. 101) como “suporte do pensamento contido em uma outra proposição” e “funciona como uma evocação lateral para se pensar o objeto da proposição de base”. Sendo assim, vejo pré-construídos os traços que constituem e se encontram circunscritos no discurso desses sujeitos que procuram denunciar/atacar uma posição relativizando outra. Reforço minha afirmação trazendo a SD IV:

SD IV – Comentário

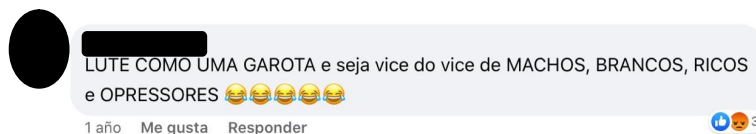


Fonte: *print* realizado pela autora

Se houvesse um mecanismo automático no qual fosse possível resumir todos os comentários do meu arquivo em apenas um, o resultado seria o período composto por coordenação da SD IV. Nela, a relação de adversidade empregada pela segunda oração favorece a produção de sentidos negativos sobre o pertencer à esquerda. A partir do momento em que o corpo do sujeito político feminino se encaixa nos padrões normativos de beleza, há, entretanto, um escape para o tolerável, tendo em vista que se trata plenamente de sexualizar a mulher – deixo isso bem marcado, pois, no que diz respeito a outras questões (à religião, à maternidade, à profissão), o funcionamento não é o mesmo, como explicitarei na análise das demais SDs.

Diferentemente dos ataques ao feminismo em si, que marcaram o posicionamento de sujeitos defensores da #elesim, tal como explicitarei na discussão da SD I, e ainda como parte do processo de desconsiderar as fragmentações identitárias da ex-candidata, observo questionamentos acerca da legitimidade de Manuela d'Ávila como sujeito político feminista:

SD V – Comentário

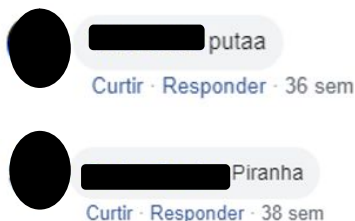


Fonte: *print* realizado pela autora

Na SD V, ao se apropriar de um já-dito criado pelo movimento feminista – “lute como uma garota” – o usuário, além de utilizá-lo ironicamente, questiona o ativismo de Manuela por ter se disposto a ocupar um lugar menos expressivo (o de vice) ao de um homem: no caso, ao de Haddad (candidato à presidente). Ressalto, com Biroli e Miguel (2014, p. 08), que “o feminismo não se debruça sobre uma questão ‘localizada’. As relações de gênero atravessam toda a sociedade, seus sentidos, e seus efeitos não estão restritos às mulheres”. No comentário, a representação hegemônica do presidenciável é ressaltada, em caixa-alta, enquanto incompatível com os fundamentos feministas, cujas demandas giram em torno justamente de elementos como o gênero, a raça e as desigualdades sociais.

Mostrando-nos a intolerância à existência do sujeito que não faz parte do “ser mulher” universal e essencialista, ao proferirem seus ataques, os *sujeitos ordinários*, fundamentados na reprodução de discursos de representações sociais, discursivizam agressões contra a mulher, como na SD VI:

SD VI – Comentários



Fonte: *print* realizado pela autora

Historicamente, as mulheres têm seus corpos atravessados por uma memória construída e reafirmada discursivamente naquilo que se considera natural nos padrões de estado fixo do feminino. Se a *memória discursiva* é formada perante uma esfera encarregada de produzir os acontecimentos fundamentais para um funcionamento discursivo, “na qual fala uma voz sem nome” (PÊCHEUX, 2016, p. 64), a utilização dos adjetivos “puta” e “piranha” sustenta uma *memória discursiva* que coloca a mulher em um espaço de depreciação quando não fixada no eixo estabilizado da tradição (seja esta qual for), isto é, quando se mostra em busca do seu poder, em busca dos direitos de controle sobre o seu próprio corpo e em defesa daquelas que querem o mesmo.

Dado que nossa formação social é marcada pelas contradições históricas de gênero e as ideologias opostas às lutas pela igualdade encontram maneiras de reprodução e disseminação nos discursos digitais,

noto o rompimento das práticas de silenciamento indo de encontro aos preceitos da hegemonia de indivíduos situados, majoritariamente, na política nacional: o espaço do homem público. Considerando, com Solnit (2017, p. 24), que “estão tentando silenciar e punir as mulheres por reivindicarem voz, poder e o direito de participar”, vejo como a chegada da mulher em cargos políticos resultou e ainda resulta, muitas vezes, em ataques decorrentes de um processo de imposição ideológica acerca da posição do sujeito feminino na sociedade.

A partir dos comentários analisados, de um lado, temos os discursos de engessamento do que é ser cristã-católica; de outro, o mesmo processo acerca do que é ser feminista e, por fim, em um terceiro polo, encontram-se os moldes do ser mulher. Manuela, representando um desvio desses padrões, reflete a desestabilização da inserção do sujeito em meio aos discursos dominantes, assegurada e autorizada pela liberdade das maneiras de ser e existir. Debruçar-me sobre a disposição de suas multifaces, enquanto temática que perpassa meu objeto de análise, exigiu acionar pautas circunscritas nas agendas políticas e sociais que enriquecem (ou poderiam enriquecer) a importância e a seriedade das mobilizações que refutam mecanismos de desigualdade e de exclusão.

Assim, tomando as discussões travadas ao longo deste texto sobre os sentidos do *ordinário*, em consonância com as reações às desidentificações com a(o) outra(o), saliento que muito ainda há para se investigar acerca de como as lentes com que se expandem as fragmentações identitárias são igualmente primordiais às lutas políticas voltadas pela libertação das mulheres em seu sentido material e simbólico.

REFERÊNCIAS

- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P *et al.* *O papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-57.
- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* 6. ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Las verdades evidentes: lingüística, semántica, filosofía*. Trad. Mara Glzman, Pedro Karczmarczyk, Guadalupe Marando y Margarita Martínez. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2016.
- SILVA, R. L. da *et al.* Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, 2011.
- SILVEIRA, J. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado). Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- SOLNIT, R. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.